

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 116

Data: 15/04/87

Pg.: _____

190

Irmãos também negam assassinato dos índios

A exemplo do depoimento dos três primeiros réus interrogados anteontem pelo juiz da 4.ª Vara da Justiça Federal, Eustáquio Nunes Silveira, também os irmãos Claudomiro, Sebastião e Martinho Vidoca negaram ontem qualquer participação no assassinato dos índios xacriabás Rosalino Gomes de Oliveira, José Pereira de Santana e Manoel Fiúza da Silva, mortos a tiros em 12 de fevereiro passado na reserva indígena de São João das Missões, em Itacarambi, Norte de Minas.

Os irmãos Vidoca foram interrogados em menos de 90 minutos, mas receberam a mesma atenção dispensada ao grileiro Francisco de Assis Amaro e aos pistoleiros Germano "Canabrava" e Roberto "Trinta", interrogados anteontem pelo juiz Nunes Silveira. Mais uma vez, 15 agentes da Polícia Federal se encarregaram de fazer a escolta dos acusados, que estavam presos em Montes Calros e chegaram à capital ontem de manhã para que a Justiça Federal pudesse interrogá-los. Também desta vez a movimentação dos policiais despertou a curiosidade de dezenas de pessoas que passavam em frente ao prédio da Justiça Federal, à rua Carijós, centro.

Nenhuma arma

Claudomiro de Oliveira Vidoca, o primeiro a ser interrogado ontem, começou seu depoimento dizendo que não teve nenhuma participação no ataque à reserva xacriabá, que estava em casa na noite deste ataque e que somente no dia seguinte soube do ocorrido. Assim como os outros pistoleiros denunciados pelo procurador de Justiça Francisco de Assis Betti, Claudomiro afirmou que esteve com seus colegas numa reunião na localidade de Sumaré, junto com representantes do sindicato rural e da Igreja. Não soube explicar, por outro lado, a razão da acusação feita a ele, uma vez que afirmou que nunca teve qualquer divergência com os moradores da reserva indígena.

Claudomiro disse ainda não ter conhecimento de quem poderia ter sido o autor da chacina e que não conhecia o índio Rosalino, nem onde este morava, apesar de ter nascido e crescido na reserva; "Eu conheço pouco a área". Revelou que tentou visitar o corpo de Agenor Nunes de Macedo, pistoleiro morto no ataque à reserva, mas os funcionários do posto médico para onde foi levado o corpo do colega não o deixaram entrar. E acabou sendo o depoimento da viúva de Agenor, Eva Pereira de Macedo, que implicou Claudomiro e seus irmãos, pois ela disse à polícia que eles estiveram na loja de seu marido na noite de chacina. Claudomiro negou, finalizando com a afirmação de que nunca possuiu ou usou arma de fogo e que nunca antes foi preso ou processado.

Em seguida, o juiz Nunes Silveira interrogou Sebastião de Oliveira Vidoca, também lavrador e irmão de Claudomiro. Sebastião parecia estar muito confuso e nervoso, tanto que não conseguiu se lembrar da data de seu nascimento quando o escrevente Edson lhe fez esta pergunta. Ele respondeu: "Nasci na Sexta-feira da Paixão, dentro da reserva, mas fui registrado em Itacarambi. Não sei a data, não". O restante de seu depoimento coincidiu em grande parte com os dos demais acusados, mas deixou escapar al-

gumas contradições, como anotou o procurador Betti. A principal revelação feita por Sebastião referiu-se ao seu relacionamento com um "meio irmão" que é índio e Manoel Fiúza, vítima da chacina.

Sebastião admitiu ao juiz Nunes Silveira que João Didi, seu irmão por parte de pai somente e que ainda mora na reserva, tentou tomar dele suas terras, no ano passado. "Mas o pessoal do Incra resolveu a situação e não ficou motivo para briga entre a gente" — explicou. Quanto a Manoel Fiúza, Sebastião contou que, numa festa, chegou a brigar e trocar tiros com ele. Sebastião ficou ferido na perna, mas disse não saber se os disparos que fez em seguida atingiram alguém. "Nunca mais vi Manoel Fiúza depois deste dia" — concluiu, enquanto olhava de lado para seu advogado Orlando Ribeiro Lima. O juiz chamou sua atenção, perguntando por que olhava tanto de lado. Sebastião não respondeu.

Mal para responder

Amparado por dois agentes federais, Martinho Alves Vidoca entrou na sala de audiência com aparência de uma pessoa doente, fraca. O juiz Nunes Silveira quis saber se Martinho estava sentido-se mal. Teve a resposta afirmativa e prometeu fazer só algumas perguntas. Como os outros, Martinho também negou ter participado da chacina. A única vez que demonstrou alguma firmeza foi quando disse "não" à pergunta se participou da chacina. Tentou se levantar para ouvir melhor as perguntas, mas o juiz pediu que se sentasse. Em resumo, Martinho disse não saber quem matou os índios, nem o motivo por que seu nome surgiu como suspeito, e disse que não conhece Rosalino, Francisco Amaro, Manoel Fiúza ou Agenor Macedo.

Terminado o interrogatório de Martinho, o juiz Eustáquio Nunes Silveira recomendou aos agentes federais que encaminhassem o preso a um médico para descobrir qual o seu mal e ser medicado. Dispensou os serviços dos policiais e fechou-se em sua sala. O procurador Francisco de Assis Betti informou ao ESTADO DE MINAS que o processo deve ser desmembrado, seguindo cartas precatórias para as comarcas onde residem as testemunhas de acusação. Quanto aos outros sete acusados, que estão foragidos, o procurador lembrou que todos estão com prisão preventiva decretada e os mandados de prisão já foram expedidos. "A polícia está no encalço deles" — afirmou o procurador.

No total, são 13 réus denunciados por homicídio qualificado, três vezes, além de invasão de domicílio, lesões corporais contra a índia Nunes de Oliveira, mulher do índio Rosalino, e formação de quadrilha. Já foram interrogados Francisco de Assis Amaro, Germano Gonçalves da Silva, Roberto Freire de Alkimim, Claudomiro Vidoca, Sebastião Vidoca e Martinho Vidoca. Os sete foragidos que completam a lista dos acusados são Vicente de Oliveira Vidoca e Santo de Oliveira Vidoca, Vicente de Araújo Alkimim e Mário José de Alkimim, Venâncio Nunes de Macedo, José de Oliveira Alves e Arlindo Gonçalves da Silva.

Em três dias, deverá ser apresentada a defesa prévia e rol de testemunhas de defesa pelos advogados Ariosvaldo de Campos Pires e Orlando Ribeiro Lima.